

INSERÇÃO DA DISCIPLINA DE LIBRAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA: DISCURSOS QUE PRODUZEM EFEITOS

The Inclusion of the Discipline of Libras (Brazilian Sign Language)
in Undergraduate Licentiate Programs: Discourses that
Produce Curricular Effects

Angela Nediane dos Santos⁵⁶
Madalena Klein⁵⁷

RESUMO

Objetivamos problematizar os efeitos discursivos produzidos pela inserção da disciplina de Libras na dinâmica curricular dos cursos de licenciatura. Trata-se de um recorte de uma tese de doutorado em educação que analisou os discursos inscritos em Projetos Pedagógicos de cursos de licenciatura, programas analíticos das disciplinas de Libras e no Decreto Federal nº 5.626/2005. Observou-se que a disciplina de Libras tem se constituído em apenas mais uma no rol de inúmeras outras nos cursos de licenciatura. A lotação e a formação dos docentes de Libras, bem como os conteúdos colocados em

ABSTRACT

Our goal is to problematize the discursive effects of the inclusion of the discipline of Libras in the curricular dynamic of undergraduate licentiate programs. This article presents one of the aspects treated in a doctoral thesis that analyzes the discourses inscribed in the Pedagogical Plans of undergraduate licentiate programs, analytical plans for the discipline of Libras, and the Federal Decree 5,626/2005. We have found that Libras has become just another discipline in a list of innumerable others in the licentiate programs. The training and distribution of Libras teachers, as well as the con-

⁵⁶ Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, RS, Brasil; angelanediane@gmail.com

⁵⁷ Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, RS, Brasil; kleinmada@hotmail.com

circulação nesta disciplina são do campo da Educação e/ou da Letras. Tais campos se constituem como saberes autorizados e legitimadores das verdades produzidas na/pela disciplina de Libras. São estes dois polos disciplinares que definem o pensável e o dizível nesta disciplina e que estão produzindo significados acerca dos surdos, da língua de sinais e da educação de surdos.

tents put in circulation in this discipline, are from the fields of Education and/or Letters. These fields emerge as authorized knowledge, thus becoming the legitimizers of the truths produced in/by the discipline of Libras. These are the two disciplinary cores which define the thinkable and the speakable in this discipline and are producing meanings about deaf people, sign language and deaf education.

PALAVRAS-CHAVE

Disciplina de Libras; Currículo; Formação de professores; Efeito discursivo; Educação de surdos.

KEYWORDS

Discipline of Libras; curriculum; teacher education; discursive effect; deaf education.

Introdução

A disciplina de Libras – Língua Brasileira de Sinais – foi inserida obrigatoriamente nos cursos de formação de professores, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia a partir do disposto no Artigo 3º do Decreto Federal nº 5.626/2005. A partir desta inserção, vários movimentos curriculares foram empreendidos. Interessa-nos olhar para tais movimentos no sentido de analisar os efeitos dessa inserção.

Argumentamos que a inserção da disciplina de Libras, de forma obrigatória, em todos os cursos de licenciatura, produz sentidos e significados nos currículos dos cursos que formam professores no Brasil. Não se trata simplesmente da inserção de uma disciplina, mas de uma rede de significação que tal inserção produz. Tal rede institui sentidos e constitui modos de vida a partir das significações produzidas em diferentes espaços e tempos.

Nesse sentido, o lugar no qual os professores de Libras estão lotados produz sentidos, e, do mesmo modo, o que serve como conhecimento válido nas disciplinas de Libras é uma escolha por um determinado tipo de representação, e não de outros, pois, os conteúdos e os textos que são escolhidos para servirem de referências bibliográficas para as disciplinas de Libras também entram na luta em torno da produção de sentidos. A definição da carga horária que deve ter uma disciplina de Libras no emaranhado curricular dos cursos

de licenciatura também é uma prática de significação. Dessa forma, não só a inserção propriamente dita desta disciplina nos currículos dos cursos de licenciatura, mas tudo o que esta inserção envolve na dinâmica curricular, é, ao mesmo tempo, um efeito, e está produzindo efeitos discursivos.

Todas essas decisões, escolhas e posicionamentos são estratégias curriculares produzidas em redes de relações de poder-saber. Elas acontecem em instâncias diversas, por pessoas ou grupos diferentes, e a partir de campos discursivos distintos. É uma rede discursiva que vem instituindo sentidos acerca de quem são os surdos, o que é a língua de sinais e que educação se almeja para esses sujeitos.

Para a análise aqui apresentada, baseamo-nos nos dados produzidos em uma pesquisa para a produção de uma tese de doutorado⁵⁸ na área da Educação, a qual analisa os efeitos discursivos da inserção da disciplina de Libras em cursos de licenciatura de diferentes regiões brasileiras. A análise discursiva é de inspiração foucaultiana. Nessa perspectiva teórico-metodológica, o discurso é entendido como produtor daquilo que enuncia. A análise se debruça sobre a rede discursiva formada pelos discursos inscritos em Projetos Pedagógicos de cursos de licenciatura⁵⁹, em programas analíticos das disciplinas de Libras⁶⁰ e no Decreto Federal nº 5.626/2005.

1. Que espaço a disciplina de Libras ocupa nos currículos dos cursos de licenciatura?

[...] é principalmente graças à estrutura disciplinar do currículo que a escola ensina a articular o tempo e o espaço sociais. Nesse caso, temos na grade curricular o grande ícone de tais articulações espaço-temporais: num eixo, o espaço epistemológico onde estão e se hierarquizam as “coisas” a ensinar e a aprender; no outro eixo, a distribuição do tempo social previsto para que tais

⁵⁸ A tese referida é intitulada “Efeitos discursivos da inserção obrigatória da disciplina de Libras em cursos de licenciatura no Brasil”, de autoria de Angela Nediane dos Santos, a qual foi defendida em abril de 2016, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof^a Dr^a Madalena Klein.

⁵⁹ Trata-se, especificamente, da análise de seis projetos pedagógicos de cursos de licenciatura, sendo três de cursos de licenciatura em Pedagogia (um deles na modalidade a distância); um de licenciatura em História, outro de licenciatura em Química e um curso de licenciatura em Letras, oriundos de universidades diferentes.

⁶⁰ Foram quinze programas analíticos de disciplinas analisados, advindos de diferentes universidades federais, distribuídas nas regiões brasileiras da seguinte forma: duas na região Centro-oeste: CO1 e CO2; quatro na região Nordeste: NE1, NE2, NE3 e NE4; duas na região Norte: N1 e N2; cinco na região Sudeste: SE1, SE2, SE3, SE4 e SE5, e duas na região Sul: S1 e S2.

“coisas” sejam ensinadas e aprendidas. (VEIGA-NETO, 2012a, p. 7)

As práticas curriculares são disciplinares: elas articulam, organizam, sistematizam, hierarquizam tempos e espaços, corpos e saberes. Nesse sentido, cabe questionar que espaço a disciplina de Libras tem ocupado nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura, nos quais esta disciplina foi inserida de forma obrigatória a partir da promulgação do Decreto Federal nº 5.626/2005.

O espaço que a disciplina de Libras tem assumido nos Projetos Pedagógicos dos cursos de licenciatura, ou mais especificamente, na sua grade curricular, também é um discurso e vem instituindo verdades. Este discurso é produzido como efeito das políticas e também produz efeitos nos cursos e nas próprias políticas curriculares de formação de professores. E, para além de tudo isso, certamente produz efeitos nos significados que vêm sendo construídos sobre a língua de sinais, os surdos e a educação de surdos.

Tendo como base os dados obtidos acerca dos programas analíticos das disciplinas de Libras de quinze universidades federais, conclui-se que a carga horária dessas disciplinas varia de 30 a 72 horas, sendo maior a incidência de disciplinas com a carga horária de 60 horas. Nos cursos de licenciatura que duram, em sua maioria, cerca de oito semestres, a Libras ocupa o espaço de uma única disciplina curricular. As universidades ofertam, geralmente, a mesma carga horária para todos os cursos. Em apenas uma universidade – SE5₆₁ – há variação da carga horária por curso, havendo diferenciação da carga horária, especificamente para o Curso de Letras, que é maior que a dos demais cursos.

Cabe questionar o que é possível aprender e/ou ensinar em uma única disciplina, que tem em torno de 60 horas, em um curso que dura geralmente quatro anos, tendo um total mínimo de carga horária de duas mil e 800 horas. Que efeitos uma única disciplina de Libras, geralmente com 60 horas, tem no currículo dos cursos que formam professores? Esta é uma discussão que está no centro do jogo curricular e se relaciona com uma determinada concepção de formação de professores. Conseqüentemente, disputas entre o que ensinar, quando ensinar e o quanto ensinar fazem parte dessa discussão.

As disciplinas de Libras ministradas para os cursos de licenciatura nas universidades federais são nomeadas, em sua maioria, com a própria sigla “Li-

⁶¹ A fim de não identificar as Universidades, cada uma será nomeada pela sigla da região correspondente, seguida de um número cardinal de acordo com a quantidade de universidades de cada região que forneceram informações para a pesquisa.

bras” ou na sua forma extensa “Língua Brasileira de Sinais”, ou ainda com ambas “Língua Brasileira de Sinais - Libras”. São poucas as instituições que nomeiam a disciplina de outras formas, e, quando isso ocorre, sempre há a menção à língua, como, por exemplo, “Introdução à Libras” (N2) ou “Língua Brasileira de Sinais: noções básicas”(CO2), ou “Libras 1” (SE1 e S2).

Em relação aos programas analíticos das disciplinas de Libras, a maioria das universidades pesquisadas – dez dentre as quinze – utiliza o mesmo programa para todos os cursos de licenciatura. Outras, como CO1 e NE4, utilizam a mesma ementa, mas os demais elementos dos programas analíticos são diferenciados por curso. Já nas universidades NE1, N2 e S1, os programas analíticos são diferenciados por curso, por professor e por campi, respectivamente.

Cabe questionar quais implicações uma única disciplina, geralmente, igual para todos os cursos tem na formação de professores? Como um professor que atua na educação infantil, ou um professor que leciona matemática e outro que ministra aulas de Língua Portuguesa atuarão com alunos surdos, tendo em sua formação a mesma disciplina de Libras? Será que um mesmo programa analítico para todos os cursos de licenciatura permite discutir sobre a especificidade linguística dos alunos surdos nos diferentes níveis: educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e/ou ensino médio? Considerará as especificidades dos diferentes campos acadêmicos, como, por exemplo, a Geografia, a Matemática ou a Pedagogia?

A implantação das disciplinas de Libras nos currículos dos cursos de licenciatura, nas quinze universidades pesquisadas, e a sua consequente oferta, ocorreu de 2006 a 2012, sendo que 2010 é o ano em que mais universidades ofertaram pela primeira vez esta disciplina. Os primeiros cursos a inserirem a disciplina de Libras no currículo foram Pedagogia e/ou Letras, na maioria das universidades pesquisadas: em onze universidades, das quinze pesquisadas.

Em dois dos Projetos Pedagógicos dos cursos de licenciatura analisados, a disciplina de Libras foi colocada no segundo semestre do curso e, em três projetos, ela está localizada nos últimos semestres do curso. Apenas em um dos projetos pedagógicos analisados não foi possível saber a localização exata da disciplina de Libras, tendo em vista que neste projeto não consta a matriz curricular do curso. Percebe-se, com isso, que não há um espaço pré-definido para a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura. Não há pré-requisitos para cursá-la. Ela não está vinculada a nenhuma outra disciplina ou unidade de ensino. E, por isso, seu lugar na grade curricular é indeterminado.

Do ponto de vista de uma continuidade ou aprofundamento dos conhecimentos em Libras, em nenhum projeto pedagógico analisado consta alguma referência a disciplinas obrigatórias ou optativas como Libras II, III, IV, etc., ou a outras disciplinas que tratem da educação de surdos. Percebe-se, diante do exposto, que a disciplina de Libras está isolada nos currículos dos cursos, sendo a única disciplina que trata da língua, da educação e dos surdos em todo o currículo. Observando os quinze programas analíticos da disciplina de Libras, em dois (S2 e SE1) a disciplina é nomeada como Libras I, o que indica que, possivelmente, haja oferta de Libras II, porém, os materiais analisados não dão condições de fazer esta afirmação, uma vez que não há referências, nos projetos pedagógicos, à oferta de tal disciplina, não constando nem como disciplina obrigatória, nem como disciplina optativa.

A única disciplina que põe em circulação discursos sobre surdos, sobre educação de surdos e sobre língua de sinais é a disciplina de Libras. Na maioria dos projetos pedagógicos analisados, o único espaço para tais discursos é a própria disciplina de Libras. Em apenas dois projetos é feita referência à educação de surdos fora do próprio programa da disciplina de Libras: uma referindo-se à disponibilização de Intérpretes de Libras para alunos surdos, como um recurso de acessibilidade da universidade (PPCO1); e outra referindo-se à participação de um grupo de estudos surdos no fornecimento de livros e brinquedos para a brinquedoteca, e em um Seminário que tratou da acessibilidade na universidade (PPN1).

A inexistência de um local pré-definido e, nem mesmo, de uma continuidade ou associação com outras disciplinas, produz um isolamento curricular da disciplina de Libras. Esta acaba parecendo ser apenas mais uma disciplina a figurar nas grades curriculares dos cursos de licenciatura. Este não é, porém, um privilégio da disciplina de Libras. Lüdke (2014, p. 51) argumenta que:

A proposta de formação de professores oferecida pela universidade sofre, em sua concepção, limites estruturais decorrentes da sua configuração em disciplinas segmentadas, regidas por orientação do domínio de conhecimentos ao qual pertencem, com as suas lógicas e exigências específicas. O duplo significado da palavra disciplina, como campo de conhecimento e regra de comportamento, ajuda a explicar, ou pelo menos a entender, como se desenrola a passagem do estudante, futuro profissional do magistério, como de outras profissões, pelas diferentes matérias que compõem o currículo do seu curso, procurando absorver o conteúdo, os conhecimentos nelas envolvidos, sem, em geral, ser introduzido aos caminhos que levaram à construção desses conhecimentos.

O argumento da autora contribui para a problematização que nos propomos a fazer neste artigo. Haja vista que a inserção da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura torna-se apenas a adição de mais uma disciplina que não dialoga com as demais na formação dos professores. O que torna a disciplina de Libras mais uma nesse emaranhado disciplinar.

O espaço que a disciplina de Libras ocupa nos currículos produz efeitos discursivos na formação de professores. Parece que bastam poucas horas em uma única disciplina para formar professores para trabalharem com alunos surdos numa lógica inclusiva. Com uma única disciplina de Libras entende-se que esses professores estarão aptos para incluir os alunos surdos na escola regular. Com uma disciplina que é igual para qualquer curso, professores estarão formados para a inclusão dos alunos surdos nos diferentes níveis de escolarização. Nesse sentido, a inserção da disciplina de Libras nos currículos dos cursos de formação de professores está fazendo girar as engrenagens da inclusão, que é operada por uma lógica neoliberal de governamentalidade⁶².

2. Quem pode falar e o que se pode dizer nas disciplinas de Libras?

Além do espaço que a disciplina de Libras vem ocupando nos currículos dos cursos de licenciatura, o que se fala, sobre o que se fala e quem fala nesta disciplina também produz efeitos discursivos na formação de professores. Foucault (2006, p. 8-9) afirma que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

A partir disso, questionamos quais discursos ganham legitimidade no currículo da disciplina de Libras? Que regime de verdade estabelece o que é

⁶² Entendemos a partir, principalmente, de Lopes e Fabris (2013), Lopes et al (2010) e Lopes, Lockmann e Hattge (2013) que a inclusão tornou-se um imperativo nos últimos anos, o qual vem sendo operado por uma lógica neoliberal de governamentalidade. Neste cenário, ninguém pode ficar de fora do jogo do mercado e por isso vem sendo lançadas inúmeras políticas públicas de inclusão, dentre elas as de formação de professores para a inclusão. Nesse sentido, formar professores que propiciem a inclusão de todos no jogo neoliberal é uma das estratégias do imperativo da inclusão.

pensável e dizível nas disciplinas de Libras? O currículo da disciplina de Libras vem produzindo quais verdades? Quais discursos legitimam estas verdades?

Nesse sentido, cabe analisar o que é dito e quem fala nas disciplinas de Libras inseridas nos cursos que formam professores no Brasil.

2.1. O docente das disciplinas de Libras: quem pode falar?

Conforme argumentação de Foucault, na ordem do discurso, qualquer um não pode falar sobre qualquer coisa. Portanto, cabe questionar quem pode falar nas disciplinas de Libras. Ou melhor, quem são os docentes desta disciplina, qual é a sua formação, onde estão lotados? O perfil docente da disciplina de Libras também produz efeitos discursivos na inserção da disciplina de Libras em todos os cursos de Licenciatura no Brasil.

Em pelo menos duas universidades – CO1 e CO2 – a disciplina de Libras começou a ser ofertada por meio da contratação de professores substitutos e, posteriormente, ocorreram concursos para professores do quadro efetivo do magistério federal. Além disso, quatro professores – PNE3, PNE4, PN2 e PSE5⁶³ – indicaram que estavam acontecendo concursos para efetivação de docentes para ministrar a disciplina de Libras, à época que responderam às questões.

Das quinze universidades, treze contam com professores do quadro efetivo para ministrar a disciplina de Libras. Em quatro universidades há também professores substitutos e/ou temporários, e/ou contratados, sendo que, em uma delas, SE5, este é o único professor de Libras. Cada universidade tem de um a cinco professores de Libras, sendo que um terço delas conta com dois professores – CO1, CO2, NE4, N2 e SE2 – e quatro universidades com apenas um professor de Libras – SE1, SE4, SE5 e S2.

Estes docentes estão lotados nas Faculdades e Institutos de Educação ou nas Faculdades e Cursos de Letras ou nos Cursos de Letras-Libras. Os professores da disciplina de Libras que estão lotados no Curso Letras-Libras iniciaram suas atividades nas Faculdades de Educação das universidades CO1 e NE4. Apenas em duas universidades os docentes responsáveis pela disciplina

⁶³ Para que os professores não sejam identificados, cada um será nomeado por uma sigla formada pela letra “P” que se refere a professor, seguida da sigla da região correspondente e por um número cardinal de acordo com a quantidade de universidades de cada região que forneceram informações para a pesquisa.

de Libras são lotados em outros locais: Faculdade Interdisciplinar em Humanidade – SE4, e Domínio Conexo⁶⁴ – S1.

A formação inicial da maioria dos docentes que, hoje, atuam como professores de Libras é em Pedagogia ou Letras, havendo dez professores formados em cada um desses cursos nas universidades pesquisadas. Dos dez professores formados na área de Letras, seis realizaram o Curso de Licenciatura em Letras-Libras, e destes, três têm dupla formação, ou seja, já eram formados em outros cursos quando realizaram a formação específica. Há também professores formados nos Cursos de Licenciatura em História, Geografia, Filosofia, Artes Plásticas e Normal Superior, bem como nos Cursos de Bacharelado em Comunicação Social, Fonoaudiologia, Sistemas de Informação e Análise de Sistemas⁶⁵. Alguns professores informaram ter certificação do Pró-Libras – Exame Nacional para Certificação de Proficiência no uso e no ensino de Libras.

No que diz respeito à formação no âmbito da pós-graduação, muitos professores realizaram mais de uma especialização, além de mestrado e doutorado. São bastante variadas as áreas das especializações que os professores de Libras possuem, sendo preponderantes a Especialização em Libras, Educação Especial, Educação ou Pedagogia Inclusiva e Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa. As demais especializações foram realizadas, cada uma, por apenas um professor: Psicopedagogia, Atendimento das Necessidades Educacionais Especiais, Formação para a docência no ensino superior, Ensino de língua espanhola como língua estrangeira e Gestão escolar.

Em nível de mestrado, há dezessete professores formados e três com formação em andamento, sendo preponderante a formação no campo da Educação. Há também cinco professores formados no campo da Linguística. Além de serem Mestres em Educação, Linguística e Letras, os professores de Libras são Mestres em Psicologia Social, Artes Cênicas e em Ensino de Ciências.

Nove professores estão fazendo ou já concluíram o Doutorado, sendo a maioria em Linguística ou em Educação, bem como em Letras e Psicologia Social. Um desses professores já concluiu o Pós-Doutorado na área da Educa-

⁶⁴ Segundo o professor que respondeu às questões, os professores da S1 “não são lotados por cursos ou departamentos, mas por domínios, então a Libras é do Domínio Conexo. Ou seja, transitamos por todos os cursos. O Domínio Conexo é composto por várias disciplinas”.

⁶⁵ Em relação à formação dos professores, as informações obtidas nem sempre se referiram a todos os professores de uma universidade, mas pelo menos de um ou dois professores. Com exceção de uma universidade em que dois professores responderam ao questionário, em todas as demais apenas um professor respondeu ao questionário, fornecendo informações sobre a formação acadêmica dos demais professores.

ção. Sobre a formação dos professores, segue abaixo um quadro com as informações acerca da formação inicial e continuada dos professores de Libras das universidades pesquisadas:

Quadro 1 – Formação dos professores de Libras

Graduação		Pós-graduação <i>Lato sensu</i> – Especialização		Pós-graduação <i>Stricto sensu</i>	
Curso	Nº de Prof.	Curso	Nº de Prof.	Curso	Nº de Prof.
Pedagogia	10	Libras	6	Mestrado em Educação	12
Letras/Libras	6	Educação Especial	3	Mestrado em Linguística e Letras	6
Letras	4	Educação ou Pedagogia Inclusiva	3	Mestrado em Psicologia Social	1
Demais cursos de licenciatura	7	Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa	2	Mestrado em Artes Cênicas	1
Cursos de bacharelado	4	Psicopedagogia	1	Mestrado em Ensino de Ciências.	1
		Atendimento das Necessidades Educacionais Especiais	1	Doutorado em Educação	3
		Formação para a docência no ensino superior	1	Doutorado em Linguística ou Letras	5
		Ensino de língua espanhola como língua estrangeira	1	Doutorado em Psicologia Social	1
		Gestão escolar	1	Pós-Doutorado em Educação	1

Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Percebe-se, a partir dos dados apresentados, que a maioria dos professores de Libras tem formação preponderantemente nas áreas da Educação e da

Letras, o que é perceptível desde a formação inicial até o nível de doutorado. Assim como a sua lotação nas universidades, que acontece também nestas duas áreas, na maioria dos casos, em Faculdades ou Institutos de Educação ou em Faculdades e Institutos de Letras.

Nesse sentido, podem falar nas disciplinas de Libras aqueles docentes que tenham formação no campo da Educação ou da Linguística e que estejam lotados nas Faculdades de Educação ou de Letras. Esses dois campos acadêmicos são os lugares de onde se pode falar nas disciplinas de Libras. Conforme veremos, a seguir, esta mesma preponderância desses dois campos epistemológicos se evidencia na organização dos programas analíticos das disciplinas de Libras.

2.2. Discursos que circulam nas disciplinas de Libras: O que se pode dizer?

Ao manejar os programas analíticos das disciplinas de Libras, a partir da análise específica da ementa, dos conteúdos programáticos e das referências bibliográficas, foi possível depreender que os discursos que ali circulam produzem e são produzidos por dois campos epistemológicos: Letras e Educação.

Em relação à bibliografia indicada nos programas analíticos, é possível visualizar a produção discursiva destes dois campos disciplinares. A maioria desses programas apresenta referências de ambos os campos⁶⁶. Em duas universidades, as referências são apenas de um dos campos, ou dos estudos linguísticos e gramaticais da Libras (SE2) ou sobre educação de surdos (N2).

A divisão em dois polos de conhecimentos também se evidencia na análise específica das ementas e são ainda mais detalhados nos conteúdos programáticos das disciplinas de Libras. Em todas as ementas está presente alguma referência à educação de surdos e aos aspectos linguísticos e gramaticais da Libras. Além disso, em quatro ementas, também circulam elementos referentes à legislação e/ou aos estudos da linguagem do aluno surdo.

Para produzir as análises no polo de Letras, agrupamos os discursos em pelo menos quatro subcampos: 1) aspectos linguísticos e gramaticais⁶⁷ da

⁶⁶ Cabe ressaltar que a universidade NE4 não indicou bibliografia por ter sido fornecida à pesquisa apenas uma resolução do Conselho Acadêmico (Resolução nº 14/2009) que determina a inserção da disciplina de Libras de forma obrigatória em todos os cursos de licenciatura e de forma optativa nos demais cursos, indicando apenas nomenclatura, carga horária e ementa.

⁶⁷ A linguística e a gramática têm o mesmo objeto de estudo: a língua, entretanto, lançam olhares distintos sob ela. A linguística analisa os fatos da língua na sua situação de uso. A gramática descreve a forma da língua e traça normas para o seu uso.

Libras; 2) comunicação (sinalização e expressão em Libras); 3) léxico (vocabulário da Libras); e 4) estudos da linguagem do surdo.

Quanto aos discursos linguísticos e gramaticais da Libras, prevalecem aqueles que tratam dos níveis fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da língua, por constarem em dez programas analíticos analisados. Também são frequentemente citados os aspectos gramaticais da Libras, tais como os pronomes, adjetivos, advérbios.

As referências bibliográficas que dão sustentação aos discursos deste subcampo são compostas por obras que descrevem a estrutura linguística e gramatical da Libras ou por livros de cursos de Libras – voltados para os professores de Libras, em sua maioria. A obra mais indicada nos programas analíticos da disciplina de Libras analisados é o livro *Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos*, de Quadros e Karnopp (2004), no qual as autoras fazem uma descrição da estrutura linguística da Libras, evidenciando seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Além deste, também se destaca as indicações do livro *Libras em Contexto: curso básico* (FELIPE; MONTEIRO, 2006)⁶⁸ que:

[...] desde 1997, [...] tem sido referência para programas nacionais, executados pela Feneis (<http://www.feneis.org.br>), através de convênios com o MEC-SEESP, secretarias de educação estaduais e municipais, tem sido também utilizados em cursos livres, de extensão ou para a Disciplina Libras em universidades, faculdades, empresas, instituições públicas, privadas e religiosas, além de ser o material didático-pedagógico dos cursos na Feneis.⁶⁹

Outro livro bastante citado nos programas analíticos é *Por uma gramática da língua de sinais*, de Lucinda Ferreira-Brito (1995), tendo sido um dos primeiros livros publicados no Brasil com um viés linguístico-gramatical. Cabe destacar que estas três obras aqui nomeadas foram as primeiras publicações resultantes de pesquisas na área da linguística da língua de sinais, no Brasil, e que ainda se mantêm como referência. Elas foram, inclusive, utilizadas para dar respaldo à produção do Decreto Federal nº 5.626/2005.

Em relação aos discursos que dão ênfase à comunicação nos conteúdos programáticos, os mais referidos são os diálogos, a conversação, a interação, ou seja, as situações comunicativas em Libras que serão vivenciadas nas

⁶⁸ A indicação de livros publicados e/ou distribuídos pelo MEC é recorrente nos programas analíticos das disciplinas de Libras. A publicação mais indicada – oito vezes em cinco universidades – é a obra de Tânia Amara Felipe e Myrna Salerno Monteiro (2006), *Libras em Contexto* – livro do professor e livro do aluno –, que foi distribuída pelo MEC, através da antiga Secretaria de Educação Especial – SEESP.

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.librasemcontexto.org/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

aulas. Em alguns programas analíticos, há referências específicas ao uso das expressões faciais e corporais e ao ensino de técnicas de tradução e interpretação.

No que diz respeito ao léxico (vocabulário da Libras), os discursos que circulam nos conteúdos programáticos dos programas analíticos das disciplinas de Libras explicitam quais categorias semânticas serão aprendidas pelos futuros professores. Listagens de sinais estão presentes explicitamente em seis dos quinze programas analíticos analisados. Entre as categorias ou temas pelos quais os sinais são agrupados, os mais recorrentes são: escola, família, meses do ano, dias da semana, animais e cores. Em alguns programas analíticos consta somente a referência ao ensino de vocabulário, sem especificação. Este subcampo, no que se refere às referências bibliográficas, é composto por dicionários e glossários da Libras. Cabe ressaltar que, quando há dicionários indicados na bibliografia, é predominante a referência ao Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2008)⁷⁰.

Ainda no campo epistemológico de Letras, foi possível agrupar discursos que se referem aos estudos da linguagem, os quais tratam da aquisição e desenvolvimento da linguagem do aluno surdo, mais especificamente da aquisição da Libras e da aprendizagem da Língua Portuguesa falada e/ou escrita. É destaque, neste subcampo, pela quantidade de vezes que é indicada nas referências bibliográficas das disciplinas de Libras, a obra *Educação de Surdos: A aquisição da Linguagem* (QUADROS, 1997) a qual descreve o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas. Neste subcampo, também é bastante citada a obra *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*, de Márcia Goldfeld, em sua segunda edição, de 2002⁷¹.

No campo epistemológico da Educação, agrupamos os discursos em pelo menos quatro subcampos: 1) inclusão; 2) bilinguismo e abordagens educacionais para alunos surdos; 3) cultura e identidades surdas; e 4) aspectos históricos, culturais, educacionais, sócio-antropológicos, clínicos, sócio-históricos e linguísticos dos surdos, da surdez e da língua de sinais.

Dentre estes subcampos, o que apresenta maior variação é o da inclusão. Quando tratam da inclusão, os programas analíticos das disciplinas de

⁷⁰ Cabe salientar que este dicionário foi distribuído pelo Ministério da Educação, gratuitamente, a partir de 2006, para escolas que atendem alunos dos primeiros anos do ensino fundamental, através do Programa Nacional do Livro Didático, financiado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>>. Acesso em: 23 out. 2015.

⁷¹ A primeira edição desta obra é de 1997.

Libras fazem circular, principalmente, discursos acerca do Tradutor/Intérprete de Libras; do professor inclusivo e sua formação; do ensino e da escola inclusiva. Neste subcampo, também circulam discursos sobre a relação entre inclusão e a Educação Especial; a avaliação do aluno surdo incluído, e o papel do instrutor na escola regular.

O campo disciplinar da Educação é sustentado, bibliograficamente, tanto por obras que produzem e fazem circular discursos sobre a inclusão de alunos surdos na escola regular, quanto pelas obras que discutem o papel das línguas na educação de surdos – especialmente o bilinguismo e o letramento. Destaca-se, pela variedade de obras e quantidade de indicações, o campo dos estudos surdos, no qual, dentre as obras mais citadas, encontra-se o livro *A surdez: um olhar sobre as diferenças*, organizado por Carlos Skliar, em suas diferentes edições⁷², indicado em nove programas analíticos. No entanto, os estudos surdos não tomam destaque nem nas ementas, nem nos conteúdos programáticos indicados nos programas analíticos da disciplina de Libras analisados.

Na área da Educação, também há indicação de livros sobre o papel do Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa na educação de surdos, bem como sobre o processo de ensino e de aprendizagem do aluno surdo. Percebe-se que é bastante abrangente este campo disciplinar, por ser permeado por diferentes perspectivas.

Além destas duas áreas de conhecimento – Letras e Educação –, em sete programas analíticos há referências específicas ao estudo de leis, resoluções e decretos na disciplina de Libras, com enfoque na Lei Federal nº 10.436/2002 e no Decreto Federal nº 5.626/2005. Cabe ressaltar que a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) só foi indicada uma única vez (S1). Uma das universidades (CO1) indicou também a legislação estadual e municipal que reconhece a Libras.

Há também partes dos programas que não se adequaram a nenhuma das áreas, especificamente, e foram alocadas na categoria “outros”. Nesta categoria, estão discursos que, mesmo não excluindo a área de Letras e/ou da Educação, não se restringem a estes campos específicos do conhecimento, podendo remeter-se a questões de acessibilidade, cultura, questões clínicas, entre outras. Um exemplo disso, que pode ser visualizado, em relação às referências bibliográficas, é o livro *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda* (GESSER, 2009), que

⁷² Este livro teve sua primeira edição em 1998, e, atualmente, está em sua 7ª edição, publicada em 2015.

poderia estar no campo da Letras por abordar a língua de sinais em suas dimensões linguísticas e as características linguísticas da pessoa surda, mas que também poderia estar no campo da Educação por tratar da educação da pessoa surda e dos diferentes entendimentos que podemos ter da surdez. Esta obra é referência bibliográfica de sete programas analíticos da disciplina de Libras, de um total de quinze.

A partir do entrecruzamento dos dados, percebemos uma desconexão entre cada um dos elementos que compõem o programa analítico. Por exemplo, a CO2 tem como ementa: “Noções históricas da inclusão de surdos na sociedade brasileira. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) (grifo meu)”.⁷³

Esta ementa está dividida em dois polos epistemológicos distintos: educação de surdos e aspectos linguísticos da Libras. No entanto, na bibliografia indicada, só há uma referência complementar no campo da linguística da língua de sinais. É no mínimo intrigante o fato de que um dos polos esteja embasado em apenas uma referência bibliográfica complementar. Isso se confirma ao olhar os conteúdos programáticos deste programa, pois fica perceptível a prevalência de conteúdos sobre a educação de surdos em detrimento dos demais. Assim, mesmo sendo indicados outros conteúdos, prevalecem os relacionados à educação dos alunos surdos, o que não é evidente na ementa.

É semelhante o que ocorre com a SE5, que indica em sua ementa vários elementos acerca dos estudos linguísticos e gramaticais da Libras:

Bases Linguísticas de LIBRAS – Analisa as bases da LIBRAS do ponto de vista linguístico: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Enfoca a questão da Língua Natural. Apresenta o sistema de transcrição e tradução de sinais. Propõe vivências práticas para a aprendizagem da LIBRAS. Aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do Bilinguismo. (grifo meu).

Nos conteúdos programáticos desse programa fica nítida a prevalência dos conteúdos linguísticos e gramaticais, bem como os relacionados à comunicação e ao léxico da Libras. No entanto, nas referências bibliográficas, só há indicação de um dicionário de Libras. Esta é uma obra que apenas registra o léxico da Libras, não havendo qualquer outra referência que dê bases teóricas para o estudo linguístico da língua de sinais.

Outra desconexão perceptível é a indicação preponderante de referências bibliográficas acerca dos estudos da linguagem do aluno surdo sem que

⁷³ Os excertos retirados da materialidade desta pesquisa serão apresentados em fonte Arial a fim de diferenciá-los do corpo do artigo.

haja qualquer referência a tais estudos na ementa e nos conteúdos programáticos. Isso é nítido em pelo menos três programas analíticos de Libras das universidades analisadas (NE2, SE2 e SE5), dentre as quais destaco a ementa da NE2:

Fundamentos histórico-culturais da Libras e suas relações com a educação dos surdos. Parâmetros e traços linguísticos da Libras. Cultura e identidades surdas. Alfabeto datilológico. Expressões não-manuais. Uso do espaço. Classificadores. Vocabulário da Libras em contextos diversos.

Essa descrição detalhada dos elementos que compõem os programas analíticos e dos discursos postos a circular nas disciplinas de Libras possibilita a visualização das bases epistemológicas que estão dando sustentação a esta rede discursiva. Quando se escolhe estes e não outros conteúdos, ementas e bibliografias para compor o programa da disciplina de Libras, são assumidos determinados posicionamentos epistemológicos, vinculando-se a determinadas perspectivas sobre quem é o surdo, o que é a Libras e a educação das pessoas surdas. Isso produz efeitos discursivos na formação de professores. Nesse sentido, cabe questionar que professor está sendo formado a partir da escolha por estes, e não outros pressupostos epistemológicos?

2.3. Efeitos discursivos da disciplina de Libras: que implicações tem quem fala e o que se fala?

A partir da análise descritiva dos discursos que circulam nos programas analíticos das disciplinas de Libras é possível afirmar que são dois os polos epistemológicos que estão sustentando os discursos que circulam nestas disciplinas inseridas nos cursos que formam professores no Brasil: Letras e Educação. Existe uma grande incidência de discursos destes dois campos, tanto nas ementas quanto nos conteúdos, bem como nas referências bibliográficas indicadas nos programas analíticos analisados. Cada um destes campos se desdobra de diferentes formas, abrangendo enfoques e perspectivas diversas. São estes dois polos disciplinares que definem o pensável e o dizível nas disciplinas de Libras. Deste modo, o currículo dessas disciplinas vem produzindo verdades que são legitimadas pelos discursos linguísticos e/ou educacionais.

A lotação dos professores de Libras nas universidades contribui para a definição de quem pode falar, produzir e fazer reverberar e circular os discursos nos programas analíticos. Além da lotação, a formação destes professores também nos indica quem pode falar nesta disciplina. Se olharmos para a lotação e para a formação inicial e em nível de pós-graduação - *lato e stricto sen-*

su – dos professores de Libras, das universidades pesquisadas, fica evidente que elas também estão divididas nestes dois campos teórico-epistemológicos.

Segundo Foucault, o ritual “[...] define a qualificação que devem possuir os indivíduos [...]; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso” (2006, p.39). No que se refere ao funcionamento do discurso produzido, que circula no currículo da disciplina de Libras, fica estipulado que pode falar aquele que é formado em Pedagogia ou Letras e que é lotado na Faculdade de Educação ou Letras. Além disso, nesta disciplina, é possível falar a respeito da educação de surdos e/ou da Libras pelo viés linguístico e gramatical.

Ao afirmar esta polarização dos discursos nos currículos das disciplinas de Libras não estamos afirmando que todos os programas analíticos coletados digam a mesma coisa, pois eles se apresentam de formas diferentes, dispondo os conteúdos de modos distintos. Porém, os campos teórico-epistemológicos nos quais tais conteúdos se sustentam são da Letras e da Educação.

O campo da Educação está imbricado com o campo da Letras e vice-versa, apesar de serem campos epistemológicos distintos. Quando se fala em Educação de Surdos, é praticamente impossível não falar das línguas que envolvem o processo educacional. E, quando o assunto é a língua de sinais, por exemplo, é muito difícil não associá-la à educação de surdos. Sendo assim, é tênue a fronteira entre os dois campos disciplinares, tendo em vista que um dá sustentação ao outro.

Desse modo, os saberes autorizados e legitimadores das verdades produzidas nas/pelas disciplinas de Libras são os saberes da Educação e da Letras. Uns legitimam a língua. Outros dão sustentação à inclusão. Logo, um captura o outro, em um jogo de imanência. A educação de surdos é capturada por uma discussão linguística. Contudo, ao mesmo tempo, o ensino da língua é capturado pelo imperativo da inclusão. Nesse sentido, nestas disciplinas, o ensino tem sido sobre a língua e sobre os surdos, num contexto educacional inclusivo, e não necessariamente consiste no ensino da língua.

Observou-se que, de um modo geral, nas ementas e nos conteúdos programáticos, prevalecem os discursos linguísticos e gramaticais da Libras. Já em relação aos discursos que circulam nas referências bibliográficas, a maioria trata da educação ou do desenvolvimento da linguagem do aluno surdo. Ou seja, tais discursos produzem muito mais quem é o futuro aluno surdo destes, hoje, licenciandos, do que aborda a Libras, propriamente dita. Isso reafirma a consonância dos discursos que circulam na disciplina de Libras com os discursos que produzem a inclusão como um imperativo, os quais estão produzindo

um determinado professor – o professor inclusivo –, que deverá ser capaz de incluir os alunos surdos na escola regular, sendo a Libras uma dos instrumentos a ser utilizado para fazê-lo.

Há aí uma desconexão, se considerarmos o que prevalece em cada uma das partes que compõem os programas analíticos, a qual poderia ser justificada pelo fato de, no Brasil, a língua de sinais ter sido reconhecida há pouco tempo – há quatorze anos, em 2002 –, e os estudos linguísticos e gramaticais, bem como, e principalmente, os relativos à linguística aplicada da Libras, ainda serem poucos ou pouco aprofundados, em comparação com os estudos de outras línguas como o Inglês, o Português e o Espanhol, por exemplo. Em contrapartida, também é possível argumentar que, mesmo que o reconhecimento da Libras tenha ocorrido há pouco tempo, os estudos linguísticos desta língua vêm acontecendo há bem mais tempo, cerca de pelo menos trinta anos, no Brasil, e foram estes estudos que subsidiaram o próprio reconhecimento legal da Libras. Por outro lado, cabe questionar a prevalência de conteúdos e ementas com um viés bastante acentuado no campo da linguística sem que haja embasamento teórico indicado na bibliografia.

Cabe ressaltar que em análise empreendida dos discursos que circulam no Decreto Federal nº 5.626/2005 e que subsidiou as análises específicas da disciplina de Libras, também se verificou a prevalência dos discursos do campo da linguística, bem como daqueles que produzem a inclusão, especialmente a inclusão escolar. Nesse sentido, os discursos que circulam nas disciplinas de Libras articulam-se e substanciam os discursos produzidos pelo decreto. Nessa rede discursiva, o que se vê é uma articulação, especialmente entre os campos da linguística e da educação, para potencializar o imperativo da inclusão. Esta, para além de uma luta epistemológica, é uma luta política em torno do poder de significação. Silva (2010, p. 24) argumenta que:

Efeitos de sentido não são verdadeiros ou falsos; eles são, mais mundanamente, mais profanamente, “apenas” efeitos de verdade. As lutas por significação não se resolvem no terreno epistemológico, mas no terreno político, no terreno das relações de poder.

A rede discursiva produzida pelo conjunto de discursos que circulam nos programas analíticos das disciplinas de Libras é tecida pelos campos da Letras e da Educação. Esta é a ordem discursiva estabelecida: nas disciplinas de Libras é preciso falar sobre a língua em si, a partir de um enfoque linguístico e/ou gramatical, bem como sobre a educação e o desenvolvimento linguístico do aluno surdo. São dois os campos disciplinares, que agrupam o que pode ser

dito nas disciplinas de Libras e que são postos em circulação nos programas analíticos.

Palavras para finalizar o artigo

Ao evidenciarmos o espaço que a disciplina de Libras vem ocupando nos currículos dos cursos de licenciatura, bem como quem vem sendo autorizado a falar e os discursos que vem sendo colocados em circulação nas disciplinas de Libras, estamos problematizando os movimentos curriculares realizados até aqui pela inserção obrigatória da disciplina de Libras. Veiga-Neto (2012b, p.280) argumenta que:

[...] nos daremos conta também de que as coisas são o que são graças às contingências históricas e não por causa de alguma necessidade, fatalidade ou obrigação de serem o que são. E até pode parecer um truísmo, mas não é: se as coisas são o que são, poderiam não ser o que são ou poderiam vir a não ser mais o que são.

Nesse sentido, tensionar, desnaturalizar, problematizar, perceber a contingência da inserção da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura é o que dá condição de possibilidade para que mudanças, mesmo que pequenas ou em bocados, aconteçam.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec5626.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2012.
- BRASIL. *Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002* – Lei de Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 02 abr. 2012.
- BRASIL/MEC/SEESP. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Volume I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. *Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 6ª. Edição.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma Gramática da Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13ª ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. *riança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. *Inclusão & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOPES, Maura Corcini; LOCKMANN, Kamila; HATTGE, Morgana Domênica; KLAUS, Viviane. Inclusão e Biopolítica. *Cadernos IHU ideias*, ano 8, nº 144, 2010, p. 1- 30. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/144cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

LOPES, Maura Corcini; LOCKMANN, Kamila; HATTGE. Políticas de Estado e Inclusão. *Pedagogia y Saberes*, nº 38. Universidad Pedagógica Nacional, Facultad de Educación, 2013, p. 41-50. Disponível em: <<http://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/2136/2029>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

LÜDKE, Menga. O papel da pesquisa na formação de professores. In: OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (org.). *Professor: formação, saberes e problemas*. Porto: Porto Editora, 2014. p. 50 – 65.

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: A aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira - Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. 1ª. ed., 4ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SKLIAR, Carlos B. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Currículo: um desvio à direita ou Delírios avaliatórios. Texto apresentado e discutido no X Colóquio sobre Questões Curriculares e VI Colóquio Luso-Brasileiro de Currículo*, no dia 4 de setembro de 2012(a), na UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil. Publicado em VEIGA-NETO, Alfredo. *Delírios avaliatórios: o currículo desvia para a direita ou um farol para o currículo*. In: FAVACHO, André Márcio P.; PACHECO, José Augusto; SALES, Shirlei Rezende. *Currículo: conhecimento e avaliação – divergências e tensões*. Curitiba: CRV, 2013, p. 155-175. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/veiga-neto-curriculos-delirios-avaliatorios.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. *É preciso ir aos porões*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17 n. 50 maio-ago. 2012(b), p. 267-282. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a02.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2015.